

ISSN 1981-1381

**BREVE ANÁLISE HISTÓRICO-EDUCACIONAL
INSPIRADA NA EDUCAÇÃO DOS ANOS 60¹**

*BRIEF HISTORICO-EDUCATIONAL ANALYSIS INSPIRED IN
THE EDUCATION OF THE 1960s*

**Carlise Beatriz Arenhardt², Silvana Durigon² e
Vantoir Roberto Brancher³**

RESUMO

Esta investigação foi iniciada na disciplina de Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria. No trabalho, baseou-se em observações realizadas durante o período de outubro a dezembro de 2006, em aulas de Matemática, das turmas de sétima e oitava série do turno da manhã da Escola de Ensino Fundamental Edson Figueiredo, localizado no Município de Santa Maria, RS. Nesta produção, procurou-se sistematizar – embora de forma inicial – a história do colégio Edson Figueiredo, na qual tentou-se demonstrar as principais características da escola, das professoras, dos alunos, das avaliações e da construção de conhecimentos. O objetivo, desse modo, foi destacar alguns dos problemas que os professores enfrentam, o papel do educador na atualidade e também relacionar a metodologia utilizada pelas professoras com os pensadores clássicos e contemporâneos. A partir disso, observa-se que a educação evoluiu gradativamente se comparada com os anos 1960.

Palavras-chave: escola, professora, alunos, avaliações, conhecimento.

ABSTRACT

This investigation was started in the discipline of Historical, Philosophical and Sociological Fundaments of Education at the Federal University of Santa Maria. The paper was based on observations from October to December 2006, in mathematics classes of seventh and eighth grades at Edson Figueiredo

¹ Trabalho de Iniciação Científica - UNIFRA.

² Acadêmicas do Curso de Matemática - UNIFRA.

³ Orientador - UNIFRA.

Elementary School in Santa Maria, RS. It was sought to systematize the history this school by highlighting its main features, the teachers, students' assessments and the process of knowledge construction. The goal, therefore, was to feature some of the problems teachers face, the role of the educator today and also to relate the methodology used by teachers with classical and contemporary thinkers. Based on these, it is observed that education has gradually evolved since 1960.

Keywords: *school, teacher, students, evaluations, knowledge.*

INTRODUÇÃO

O papel dos educadores, pais e professores, nos processos fundamentais do desenvolvimento humano é de suma importância. Na vida acadêmica, seguidamente, deparamo-nos com disciplinas que envolvem assuntos voltados à formação dos professores, à qualidade do ensino oferecida por eles e às ideias propostas por pensadores. A partir disso, teorias de diversos pensadores e autores foram consideradas para desenvolver este trabalho, tais como: Paulo Freire (1996), Lev Vygotsky (1991), Jussara Hoffman (1991), Dermeval Saviani (2000), Jorge La Rosa (2006), Rosita Carvalho (2001) e Maria Arruda Aranha (2006).

Neste estudo, relacionou-se o ensino observado, na Escola General Edson Figueiredo, com os pensadores citados acima e com a educação nos anos 1960, dando enfoque aos temas escola e docência, alunos e avaliações, analisando alguns itens considerados importantes pelos pensadores na aprendizagem, tais como: motivação, utilização da linguagem, estima, interação com o meio e afetividade, entre outros.

DESENVOLVIMENTO

Nos vários discursos educativos da atualidade, é possível perceber alguns problemas que os profissionais da área da Educação enfrentam em suas jornadas educativas. São questões relacionadas aos alunos, à escola, à família e à sociedade. Todavia, o professor deve ter plena consciência das dificuldades que poderá enfrentar ao longo de sua caminhada, estar pronto para solucioná-las e jamais desanimar, pois

um profissional com ar cansado, estático em frente a uma turma, sem planos e objetos claros, desperdiça o precioso tempo dos alunos, compromete a cidadania e, ainda, comete o crime de não ser feliz, pois nada mais abominável em

profissões de espírito como a do professor, do que separar prazer e profissão (KARNAL, 2006, p. 47).

Educar é, portanto, ampliar horizontes e mostrar que se pode sempre ir além; é batalhar pela inserção intelectual do aluno. Educar é refletir com paciência, sempre em busca de novos conhecimentos e novas técnicas para apresentar em sala de aula; é saber compreender os alunos. Um professor que escolheu essa profissão deve valorizá-la, exercendo seu papel em sala de aula com responsabilidade, uma vez que lida não apenas com os conhecimentos adquiridos em uma faculdade, mas com experiências de toda uma vida, para crianças, adolescentes e jovens que estão amadurecendo em busca de uma formação.

Falar da importância da formação continuada na atualidade ou da qualificação de professores é uma tarefa árdua, pois todos reconhecem que os docentes deveriam estar sempre aprofundando seus saberes e adquirindo novos conhecimentos. Isso é o que exige a sociedade. Contudo, na realidade, é o que muitas vezes não acontece, como relata uma das professoras da Escola Edson Figueiredo: “Sei que o processo de formação continuada de professores, após estes concluírem uma faculdade, é muito importante, mas, muitas vezes, isso não acontece, inclusive comigo, pois quando oferecidos estes cursos, são muito caros e há falta de recursos”.

A partir do relato dessa professora, os inúmeros problemas que são enfrentados em sala de aula instigam nos educadores a vontade de fazer novos cursos para aprofundarem seus conhecimentos, porém ficam impossibilitados em razão do baixo salário que recebem e da alta carga horária que eles têm de cumprir.

ALGUNS APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS DO COLÉGIO EDSON FIGUEIREDO

Segundo⁵ o relato da secretária, a Escola Edson Figueiredo foi inaugurada no dia 26 de outubro de 1962, quando recebeu o nome de Escola Mato de Abraão. Na época, só havia o ensino primário (até a 3ª série). Somente a partir de 1972, passou a se chamar de E. E. de Ensino Fundamental General Edson Figueiredo. Localiza-se na Rua Irmão Donato, 95, Bairro Nossa Senhora de Lourdes. Em 1978, foi incrementado o ensino até a 6ª série e, finalmente, em 1984, foram implantadas

⁵Todos os procedimentos legais para publicação das entrevistas foram realizadas, tais como: autorização escrita por parte da direção da escola e de todos os integrantes da investigação. Os nomes dos entrevistados são fictícios.

as 7^a e 8^a séries, ou seja, a escola passou a ter o ensino fundamental completo. Nas palavras da própria secretária da escola:

Eu estudei nesta escola, mas, naquele tempo, ainda se chamava Escola Estadual Mato de Abraão. Depois, em 1971, mudou para Escola Estadual Edson Figueiredo. Quando ingressei nesta instituição, havia apenas o ensino primário. Com as melhorias que foram acontecendo na educação, a partir de 1984, passou a ter o ensino fundamental completo nesta escola.

A evolução gradativa do ensino, nessa escola, ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento progressivo da educação no país. Aos poucos, a escola foi se adaptando às novas exigências da sociedade.

O ensino, naquela época (anos 1960), era bastante rígido. Os alunos não tinham muita liberdade. As escolas eram poucas e quem quisesse estudar tinha, muitas vezes, de se deslocar a pé por grandes distâncias ou parar fora de casa, com parentes ou amigos, pois não havia transportes como hoje. Por isso, em razão dessas dificuldades, os alunos valorizavam muito mais o ensino e afirmam, como veremos nos relatos posteriores, que era mais produtivo.

Ainda segundo a secretária, a Escola Edson Figueiredo, no ano de 2006, tinha um total de 757 alunos matriculados, distribuídos desde a pré-escola até a 8^a série. Possuía vinte e dois alunos inclusos e doze alunos que frequentavam a classe especial.

A estrutura física da escola conta com quinze salas de aula, sendo duas adaptadas para educação infantil; laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, secretaria, sala da direção, sala da supervisão, sala de professores, refeitório, ginásio poliesportivo, quadra de areia e um amplo espaço destinado para as crianças brincarem nos intervalos. Também oferece aos seus alunos, além da carga horária obrigatória, horas de lazer na prática de esportes. Para os meninos, são oferecidas escolinhas de futebol, na qual praticam o esporte, aprendem novas técnicas e desenvolvem um melhor relacionamento com os colegas e até mesmo com a sociedade.

Em certas ocasiões, como datas comemorativas, os alunos, com o professor responsável e a direção da escola, promovem campeonatos, tanto internos quanto externos. Nos internos, os alunos competem entre si, ou seja, cada turma possui de um a dois times. Esses escolhem um nome, vão à procura de camisetas e de torcida. Os pais e demais familiares também são convidados a prestigiar os campeonatos, que são realizados nos finais de semana. Nos externos, os alunos passam por uma pré-seleção na própria escola, para escolher os melhores times e, então, disputam o

campeonato com os demais colégios da cidade; ressaltando que, no final do torneio, o campeão não é o time “X”, mas sim a escola “X”.

Para as meninas, é oferecido como esporte a dança, a qual desenvolve técnicas, equilíbrio e, principalmente, a boa postura. Periodicamente, elas realizam apresentações na escola, quando também são convidados os pais e demais familiares, para que esses acompanhem os seus filhos em todos os processos educativos. Para Vygotsky (1991, p. 41), isso é muito importante, pois preconiza que as crianças aprendem muito mais interagindo com a sociedade: “As características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são meros resultados das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural”.

Essas meninas, após muitos treinos e muita dedicação, também fazem apresentações fora da escola, por exemplo, no evento “Santa Maria em Dança”.⁷ Essas atividades extras que a escola oferece são importantes na formação dos alunos, pois além dos exercícios físicos que proporcionam, os quais são fundamentais para a boa saúde, desenvolvem o gosto pelo esporte e também trazem a família para dentro da escola, contribuindo para o bom desempenho dos alunos. Percebemos, dessa forma, a organização dos professores, funcionários e alunos em busca de um melhor aprendizado e da integração alunos/família.

Outra característica importante da escola é o trabalho que ela faz com os alunos especiais. Em uma das turmas, havia dois alunos que, segundo a professora, tinham problemas psicológicos. Isso é uma situação rara, pois há professores que sentem dificuldades em dar aulas em turmas em que esses alunos estão presentes ou também pelo fato de as escolas não estarem preparadas para se adaptarem às necessidades desses discentes, fazendo com que nem todos tenham o mesmo direito e a mesma qualidade de ensino. Segundo Carvalho (2001, p. 74), o processo de inclusão só obterá sucesso quando os professores se conscientizarem, buscarem a origem da rejeição e conseguirem acabar com essas barreiras:

Trabalhar para mudança de atitudes de nossos colegas será muito mais proveitoso se buscarmos as origens da rejeição e pudermos remover esta barreira, usando, dentre outros mecanismos, as relações dialógicas, em vez de entrarmos com receitas prontas. [...] não há nenhuma estrada sem

⁷ Rechia (1999, p. 199) descreve o evento Santa Maria em Dança como um evento imperativo no calendário da cidade: “(mais de 30 escolas) oferecem uma semana de arte, movimento, som e cor” (p. 199). Essa autora relata, nesse mesmo livro, a história de Santa Maria no contexto social, político e econômico.

realiza para a inclusão. Precisamos construir o caminho por nós mesmos.

Para muitos autores, a inclusão é um processo importante. A escola deveria adequar-se às necessidades de cada aluno, fornecendo a mesma qualidade de ensino para todos. Nas primeiras escolas existentes, só tinham direito de estudar os filhos dos ricos e que não fossem negros. Os que necessitassem de atendimento físico e psicológico diferenciado, então, tinham menos oportunidades. Segundo Aranha (2006, p. 261):

Sem perder de vista que nosso interesse aqui é a educação, lembramos que Marx a examina do ponto de vista dos interesses da classe dominante, o que explicaria, para ele, a ideologia da exclusão dos não proprietários no acesso pleno à cultura. Sob esse enfoque, a chamada história oficial silencia o pobre, o negro, a mulher e também os excluídos da escola, porque as interpretações são feitas de acordo com os valores e interesses dos que ocupam o poder.

Com o tempo, a educação sofreu mudanças. Os pobres, negros e mulheres começaram a ocupar lugares nas escolas e na sociedade, ou seja, todos passaram – em tese – a ter os mesmos direitos.

PROFESSOR E ALUNO: CONSIDERAÇÕES

A professora Catarina (nome fictício), da turma 82, tentava levar em consideração as diferentes realidades para promover uma melhor aprendizagem. Tendo em vista as ideias de Freire (1996), os educadores devem conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, para tornarem-se mais seguros no seu próprio desempenho. Cabe a eles uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais ligados à atividade de docente, ou seja, conhecer a realidade do mundo em que vivem seus alunos.

A professora desenvolvia suas aulas com bastante alegria e demonstrava ter esperança de que, agindo dessa forma, todos seus alunos fossem aprender, pois a alegria e a esperança estão ligadas à educação, assim como descreve Freire (1996, p. 72): “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos, a nossa alegria”.

O diálogo também era marca presente nas aulas, pois os professores entendiam que cada aluno tem maneiras diferentes de pensar e, conseqüentemente, de resolver os problemas matemáticos, como disse em uma entrevista: “Existem ‘n’ maneiras de resolvê-los: devemos considerar todas as maneiras e dar a opção para o aluno escolher a forma que acha mais fácil”. Isso só pode ser feito quando todas as ideias são socializadas.

Ao analisar as ideias pedagógicas obtidas no depoimento da professora e os ideários da pedagogia tradicional, percebe-se o quanto a educação e as concepções sobre a aprendizagem já mudaram. Hoje, há espaço para dialogar na sala de aula, enquanto, por muito tempo, o único que tinha autoridade para se pronunciar era o professor. Para Saviani (2000, p. 10): “A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, a qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A este cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”.

Esta pesquisa também colheu depoimentos de pessoas que vivenciaram a educação nos anos 1960. Uma delas relatou como os alunos tinham medo dos professores, pois esses demonstravam sua autoridade de forma agressiva:

Eu e minhas irmãs estudávamos em um colégio na Vila Santa Catarina que, na época, pertencia ao município de Cerro Largo, mas que hoje pertence ao município de Salvador das Missões. Nós fizemos o Mobral, que durava quatro anos, que hoje seria mais ou menos equivalente a 5ª série. Nós tínhamos um professor que atendia várias turmas juntas em uma única sala. Ele era uma pessoa que todos respeitavam, não só os alunos, mas inclusive toda a comunidade. Nós tínhamos muito medo dele, porque se nós não sabíamos responder as perguntas que ele fazia, ele batia com régua, ou até varinha, ou mandava ajoelhar em grãos de milhos. Muitas vezes, nós sabíamos as coisas, mas não respondíamos por que tínhamos medo de errar, e acabávamos apanhando igual. Quando nós não entendíamos o que o professor escrevia no quadro, e como às vezes ele não explicava, nós ficávamos sem entender, porque tínhamos medo de perguntar (JOANA).

Com base nesse depoimento, observa-se como é importante o diálogo entre professores e alunos e também a utilização da linguagem em sala de aula, a qual era bem explícita nas aulas da professora Catarina. Vygotsky (1991, p. 53) deixa bem

claro, em suas teorias, o papel da linguagem na aprendizagem: “o sistema simbólico mais importante para a promoção da aprendizagem é a linguagem”.

No depoimento anterior, também está implícita essa ideia e nota-se como a relação entre professor e aluno interfere na aprendizagem. Nas aulas observadas, havia uma grande afetividade entre a professora e os alunos, o que indicava que os discentes aprendiam, pois possuíam liberdade para discutirem os conteúdos com a educadora e juntos tentavam relacionar esses saberes ao dia a dia.

Freire (1996, p. 105) ressalta como é importante o aluno ter liberdade e autoridade para decidir, mas desde que essas liberdades possuam limites:

O grande problema que se coloca ao educador ou a educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome.

Também coloca a importância da afetividade e deixa bem claro que o professor deve querer bem seus alunos, não tendo medo de expressar esse sentimento, desde que não interfira em seu compromisso ético. Segundo a professora (Catarina), o principal fator que favorece na aprendizagem é a motivação:

Um dos principais fatores é a motivação que vem da família (base familiar). Esse é o principal. Disciplina em sala de aula, estudo em casa também. E para alunos do Ensino Fundamental, a motivação que vem do professor, através de uma relação de afetividade que se estabelece entre ‘aluno-professor’ é muito importante.

Um aluno motivado em casa ou na escola sente mais vontade de estudar e prestar atenção na aula. Logo, obterá um melhor rendimento, o que fará aumentar sua autoconfiança e estima. Rosa (2006, p. 104) nos fala sobre a importância da estimulação na aprendizagem:

Na medida em que a demanda por estima é satisfeita, sentimentos de confiança, valor e utilidade são experimentados pelo indivíduo. Observa-se o contrário quando a necessidade não é satisfeita. O êxito de um aluno na escola, segundo diversos indicadores, é afetado pelo grau de autoestima.

A professora demonstrava ter uma autoestima elevada, vinha com suas aulas elaboradas e administrava muito bem o seu tempo. Nas aulas que foram observadas, era difícil um aluno faltar. Acredita-se que, possivelmente, isso possa ter uma relação com a motivação recebida durante as suas aulas.

A FIGURA DO PROFESSOR

Muitas vezes, a sociedade vê a figura do professor de maneira equivocada, confundindo o atual papel deste com suas primeiras origens, como cita Brancher (2007, p. 106):

No Brasil, os primeiros educadores foram os missionários jesuítas que vinham com o objetivo de catequizar a população. No século XVIII, a profissão de professor deixou de ser dirigida pela Igreja e passou às mãos do Estado. Possivelmente essa seja uma das razões de, na atualidade, apresentar-se, ainda, concepções confundindo o papel do professor com a do vocacionado, com a do religioso.

Talvez essas construções acontecem porque certos professores, por gostarem e admirarem muito sua profissão, dedicam-se inteiramente a seus alunos e ao aprendizado desses, deixando, muitas vezes, a pessoalidade um pouco de lado.

Segundo Karnal (2006, p. 47), há dois tipos de profissionais da educação, os quais merecem ser destacados: um é o educador desmotivado, com ar cansado, estático diante da turma, o qual não se sente realizado em sua profissão; o outro tem perfil oposto, mais conhecido como flamboyant, como destaca o autor:

Ele é enérgico, cheio de ideias, expansivo, retórico, de gestos largos e voz decidida, sempre atrás de filmes, peças, textos, piadas e ações bombásticas. Inova sempre nas técnicas e, como generoso flamboyant, esparge seus galhos e flores na sala dos professores, no conselho de classe e, até em festas de alunos. Muito popular, é miúde, convidado para ser paraninfo.

Para esse tipo de profissional, o objetivo é agradar, não para produzir uma ação educacional, mas para uma reação positiva dos alunos. O principal “defeito” desse profissional é que o foco está sobre o professor e não no aluno. Ele quer ser

o centro das atenções. Karnal (2006, p. 48) destaca que, para o professor “é sempre uma boa estratégia ser criativo e chamar a atenção dos alunos, desde que exista um vetor direcionado para um ponto educativo. O objetivo da aula está no aluno, dentro dele, não no professor ou na escola”.

Ser professor, na atualidade, é uma tarefa nada fácil, pois ele está acuado pela sociedade, que cobra cada vez mais e paga cada vez menos. Tendo que, cada vez, dedicar mais tempo a sua profissão e, diante das exigências da sociedade, tornou-se um preparador para o vestibular, um educador de atitudes e hábitos, um formador de cidadania...

AVALIAÇÕES

Na vida acadêmica atual, trabalho em grupo é muito importante no processo de aprendizagem, pois os grupos favorecem: trocar ideias, ensinar os outros e o mais importante, ensinar a si mesmo. Considera-se que as crianças adquirem muito mais conhecimento interagindo com os outros, como também os adultos em contato com as crianças. Para Vygotsky (1991, p. 52), “o desenvolvimento cognitivo depende muito mais das interações com as pessoas do mundo da criança e das ferramentas que a cultura proporciona para desenvolver o pensamento”.

No entanto, isso não quer dizer que se deve realizar trabalhos individuais. É necessário analisar cada aluno separadamente, para verificar se realmente ele está aprendendo, ou seja, dar mais ênfase ao estudante. As avaliações, são muito diferentes do que as realizadas nos anos 1960, quando eram feitas sabatinas (hoje conhecidas como testes) e jamais trabalhos em grupos:

Nós tínhamos uma sabatina no final de cada mês e ganhávamos uma nota só. Nós nunca tínhamos trabalhos em grupo, pois não podíamos conversar durante as aulas, só se o professor mandava. No final do ano tinha uma prova geral e se nós não passássemos tinha uma prova separada para cada disciplina, uma cada semana, como exame (MARIA).

Acredita-se que é muito difícil avaliar um aluno e o significado de suas respostas, que, geralmente, são construídas a partir de vivências próprias. Segundo Hoffman (1991, p. 23), a avaliação é um mito e um desafio:

Configura-se a avaliação educacional, a meu ver, em mito e desafio. O mito é decorrente de sua história que vem

perpetuando os fantasmas do controle e do autoritarismo há muitas gerações. A desmistificação, por outro lado, ultrapassa o desenvolvimento dessa história e a análise dos pressupostos teóricos que fundamentam a avaliação até então. Parece-me necessário desestabilizar práticas rotineiras e automatizadas a partir de uma tomada de consciência coletiva sobre o significado dessa prática. E esse é um desafio que se tem que enfrentar! O maior dentre os desafios é ampliar-se o universo dos educadores preocupados com o ‘fenômeno avaliação’, estender-se a discussão do interior das escolas a toda a sociedade, pois, considerando-se que o mito da avaliação é decorrente de sua história feição autoritária, é preciso descaracterizá-la dessa feição pensando nas futuras gerações.

Com base nesse pensamento, conclui-se que a avaliação é muito difícil. Ela depende do entendimento de cada profissional que a aplica.

DISCIPLINARIZAÇÃO

Na escola observada, os alunos respeitavam as professoras, a direção e também seus colegas. Existiam algumas regras a serem cumpridas pelos alunos – tais como: alunos atrasados só entravam em sala de aula mediante um bilhete assinado pelos pais e proibição do uso de celulares ou qualquer outro aparelho eletrônico, entre outras – regras importantes, pois esses fatores podem levar à desconcentração dos alunos, prejudicando a sua aprendizagem.

Ao comparar a disciplinarização dos anos 1960 com a dos dias atuais, observa-se que as normas escolares eram muito mais rígidas do que as de algumas escolas de hoje. Os alunos deviam honrar seus professores, os quais eram admirados por toda a comunidade. No depoimento a seguir, feito por Maria, ela conta algumas normas do colégio que, se não fossem cumpridas pelos alunos, esses eram severamente punidos:

Na escola que estudávamos, não era permitido falar alemão, o que era muito difícil, pois quase ninguém sabia falar português, pois todos nós éramos descendentes de alemães e nossos pais, em casa, também só falavam alemão. Quando brincávamos nos intervalos, às vezes,

falávamos uma palavra em alemão e, se o professor, ele nos puxava a orelha e nós ficávamos sem recreio por alguns dias. Também se desobedecêssemos o professor, nós recebíamos castigos e, por isso, nós nos comportávamos bem.

Com o tempo, essa forma de disciplinarização foi mudando e, hoje em dia, os professores e alunos têm maior proximidade. Muitos dos alunos já não obedecem mais os professores como antigamente, pois as leis da educação se tornaram menos rígidas e não permitem que os professores punam os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas e observações realizadas e com base nos depoimentos, conclui-se que a educação evoluiu bastante em relação aos anos 1960. Hoje, a formação dos professores melhorou, a infraestrutura das escolas e as condições para estudar mudaram bastante, como revela o depoimento a seguir:

Nós tínhamos que caminhar cinco a seis quilômetros para chegar até a escola. Nos primeiros anos, às vezes, nós íamos de cavalo, mas geralmente nós íamos a pé e pé descalço porque não tínhamos chinelos (mais tarde os comércios evoluíram e já havia chinelos para comprar). Na escola, havia uma única sala de aula para várias turmas e um único professor que atendia todas as turmas. Nós não tínhamos cadernos (surgiram só mais tarde), só uma lousa para escrever e quando esta tava cheia tínhamos que apagar para poder escrever de novo. Nos primeiros anos não existiam ventiladores e poucas escolas tinham luz. Estudamos alguns anos e acabamos desistindo, pois não havia ninguém que nos motivasse para continuar estudando, nós precisávamos trabalhar nas horas que não estávamos na aula, para ajudar nossos pais em casa, e por isso estávamos sempre cansados na hora de ir para a escola. Também não gostávamos do professor que era muito rígido e não deixava nós nos manifestarmos em momento algum (JOÃO, proprietário rural de 51 anos).

Como pode-se perceber, as condições nas escolas melhoraram. Atualmente, as escolas públicas dispõem de livros para todos os alunos do ensino

fundamental e, em 2004, foi aprovada a lei na qual o governo coloca à disposição os livros gratuitos também para o ensino médio.

No decorrer do trabalho, os principais fatores que interferem na aprendizagem dos alunos foram:

– motivação: o aluno precisa ser motivado pelos professores, pela família e pela comunidade;

– linguagem: a linguagem entre professores e alunos tem um papel importante, pois é necessário que ambos exponham suas ideias, para que os educandos possam escolher qual é a maneira mais fácil de compreender e aprender os conteúdos;

– afetividade: é necessária uma boa relação entre professores e alunos;

– interação com o meio: os alunos aprendem muito mais interagindo com a comunidade, ou seja, com diversas culturas;

– liberdade: os alunos devem ter liberdade para falar e expor suas ideias;

– trabalhos em grupo: com os trabalhos em grupo, os alunos têm a oportunidade de compartilhar os seus conhecimentos com os demais colegas, ampliando a sua aprendizagem;

– interesse: um aluno com interesse e que se dedique aos estudos aprende muito mais do que um que não goste de estudar.

No entanto, os professores devem estar preparados para enfrentar os problemas que interferem na aprendizagem e a melhor maneira é conhecendo esses fatores e as opiniões de diversos pensadores sobre como solucioná-las.

REFERÊNCIAS

ARANHA, L. M. **Educação e sociedade**: perspectivas educacionais no século XXI. Santa Maria: Unifra, 2006.

BRANCHER, V. R. **Formação, saberes e representações**: história de vida de Helena Ferrari Teixeira. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

CARVALHO, E. R. **Educação inclusiva com os pingos nos “is”**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora: Paz e Terra, 1996.

HOFFMAN J. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. São Paulo: Mediação, 1991.

KARNAL, Leandro. **Escola e sociedade**: um ensaio e três conclusões. Santa Maria: Unifra, 2006.

RECHIA, A. **Santa Maria**: panorama histórico-cultural. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

REGO. C. T. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 9. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

ROSA L. J. **Psicologia da educação**: o significado de aprender. 9. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2006.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 31. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.